

LEITURA COMPLEMENTAR

AULA 34

ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA

ANTROPOLOGIA DE EDITH STEIN:

Fenomenologia, Mística E Dignidade Da Pessoa Humana

ANTROPOLOGIA DE EDITH STEIN:
FENOMENOLOGIA, MÍSTICA E DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA

- APROFUNDAMENTO -

Edith Stein, conhecida na vida religiosa como Irmã Teresa Benedita da Cruz, é uma das figuras mais significativas da filosofia e da teologia do século XX.¹ Sua vida extraordinária - marcada pela conversão, pela dedicação intelectual e pelo martírio - oferece um testemunho vivo de como a razão e a fé podem caminhar juntas na busca pela verdade. Para aqueles que desejam compreender a pessoa humana em sua plenitude, a antropologia de Stein oferece uma síntese profunda que integra a experiência vivida, a reflexão filosófica rigorosa e a sabedoria mística da tradição católica.

Nascida em 1891 em Breslau, na Morávia, Edith Stein viveu numa época de profundas transformações intelectuais e políticas.² Sua jornada pessoal - de uma família judaica ortodoxa, através do agnosticismo na juventude, passando pela fenomenologia husserliana, até à conversão ao catolicismo e à vida contemplativa carmelita - não é meramente biográfica, mas paradigmática. Ela vivenciou pessoalmente as tensões que caracterizam a modernidade: a busca pela verdade racional, o confronto com diferentes tradições religiosas, a questão da identidade pessoal e, finalmente, o enfrentamento do mal radical.

Para o leigo contemporâneo que procura compreender o ser humano em sua totalidade, a antropologia de Stein oferece uma alternativa profunda tanto ao humanismo secular moderno quanto ao dualismo que separa corpo e alma.³ Ela demonstra que é possível ser um intelectual rigoroso, uma mulher realizada, uma pessoa espiritual profunda e uma mártir pela fé - tudo isso sem contradição, mas como expressão de uma mesma vocação fundamental: a busca pela verdade e a entrega a Deus.

¹ HERBSTTRITH, W. *Edith Stein: Uma Biografia*, p. 15.

² STEIN, E. *Autobiografia: Vida de uma Família Judaica*, pp. 1-25.

³ ALES BELLO, A. *A Dimensão Ética da Fenomenologia de Edith Stein*, pp. 45-67.

Parte I: A Vida de Edith Stein como Contexto de Sua Antropologia

A Parte I apresenta a trajetória vital de Edith Stein como fundamento indispensável para sua antropologia. Desde sua infância judaica em Breslau até seu martírio em Auschwitz, a vida de Stein é paradigmática: vivenciou pessoalmente as grandes tensões da modernidade — a busca racional pela verdade, o confronto entre tradições religiosas e o enfrentamento do mal radical — respondendo por meio de uma integração progressiva entre razão e fé. Sua formação sob Husserl, conversão súbita ao ler Santa Teresa de Ávila, entrada no Carmelo e sacrifício em Auschwitz moldaram uma antropologia que afirma a dignidade inviolável da pessoa humana como fundamento de toda reflexão filosófica e teológica. Este percurso vital demonstra que a integração entre contemplação e ação, filosofia e teologia, sofrimento e redenção não é meramente intelectual, mas uma realidade vivida que permanece como um testemunho eloquente para as gerações contemporâneas.

a) A Formação Intelectual: De Breslau a Freiburg

Edith Stein nasceu em 12 de outubro de 1891, em Breslau, numa família judaica de classe média.⁴ Seu pai, Sigmund Stein, era um comerciante de madeira; sua mãe, Augusta Courant, era uma mulher de profunda fé que mantinha uma observância religiosa rigorosa. A morte prematura do pai, quando Edith tinha apenas dois anos, deixou a mãe como figura central na vida familiar, moldando profundamente sua formação inicial e seus valores fundamentais.

Apesar de sua formação religiosa judaica, Edith experimentou cedo uma crise de fé. Durante a adolescência, aos catorze anos, ela deixou de acreditar em Deus, movida por uma busca racional pela verdade que não aceitava acreditar em dogmas sem compreensão intelectual.⁵ Esta experiência de descrença juvenil é significativa para compreender sua posterior conversão, pois revela que ela não se converteria por sentimentalismo ou por pressão social, mas por uma busca genuína pela verdade.

⁴ STEIN, E. *Autobiografia*, pp. 1-50.

⁵ *Ibid.*, *Cartas Escolhidas*, pp. 26-45.

Stein frequentou a Universidade de Breslau e depois a Universidade de Freiburg, onde estudou filosofia sob a orientação de Edmund Husserl, o fundador da fenomenologia.⁶ Husserl exerceu uma influência profunda sobre ela, não apenas como mestre intelectual, mas também como modelo de dedicação à verdade. Stein tornou-se assistente de Husserl em 1913 e trabalhou com ele por vários anos, participando ativamente do desenvolvimento do pensamento fenomenológico e contribuindo significativamente para suas obras.

b) A Conversão: Um Encontro com a Verdade Transcendente

A conversão de Edith Stein ao catolicismo em 1922 não foi um abandono da razão, mas seu cumprimento e elevação a um nível mais profundo.⁷ Durante uma visita à Catedral de Colônia, ela leu a autobiografia de Santa Teresa de Ávila e experimentou uma conversão súbita e completa ao reconhecer em Cristo não uma contradição com a verdade racional que havia buscado, mas seu fundamento e sua plenitude. Impressionada pela profundidade da experiência mística de Santa Teresa e pela integração entre a vida contemplativa e a ação, Stein compreendeu que havia encontrado a verdade mais profunda, transcendendo todas as suas buscas anteriores.

Esta conversão teve consequências imediatas e profundas em sua vida acadêmica e pessoal. Stein foi batizada em janeiro de 1922 e, poucos meses depois, deixou seu cargo como assistente de Husserl, uma decisão que espantou seus colegas fenomenólogos.⁸ Como uma intelectual brilhante poderia abandonar uma carreira acadêmica promissora para abraçar a fé religiosa? A resposta de Stein foi simples e profunda: ela havia encontrado a verdade mais profunda, O grande tesouro, e tudo o mais era secundário em comparação com esta descoberta fundamental.

Durante os anos seguintes, Stein trabalhou como professora numa escola católica e como conferencista, buscando integrar sua formação filosófica à sua nova fé de forma coerente. Ela escreveu várias obras durante este período, incluindo *Potência e Ato*, uma obra que busca

⁶ Ibid., *Uma Investigação Acerca do Estado do Conhecimento*, pp. xi-xxv.

⁷ Ibid., *Autorretrato em Cartas*, pp. 89-105.

⁸ HERBSTTRITH, W. *Edith Stein: Uma Biografia*, pp. 78-95.

sintetizar a fenomenologia husserliana com a metafísica tomista.⁹ Esta síntese não era meramente acadêmica; refletia uma convicção profunda de que a razão filosófica e a revelação divina não estavam em conflito, mas em perfeita harmonia.

c) *A Vida Religiosa: Entrada no Carmelo*

Em 1933, quando os nazistas chegaram ao poder na Alemanha, Edith Stein tomou a decisão de entrar no Carmelo, uma escolha que para muitos pareceu uma fuga do mundo num momento de crise histórica.¹⁰ Mas, para Stein, era exatamente o oposto: ela via a vida contemplativa não como uma fuga, mas como uma forma de participação profunda na redenção do mundo, por meio da oração e do sacrifício. Ela escreveu com clareza: "Entro no Carmelo como vítima expiatória pela paz da Alemanha," revelando sua compreensão de que a contemplação é uma forma de ação.

No Carmelo, Stein recebeu o nome religioso de Irmã Teresa Benedita da Cruz e continuou seus estudos teológicos e filosóficos com dedicação renovada. Ela escreveu sua obra mais importante, *A Ciência da Cruz*, uma reflexão profunda sobre a mística de São João da Cruz integrada com a antropologia que havia desenvolvido ao longo de sua vida intelectual.¹¹ Nesta obra magistral, ela articula uma visão da pessoa humana como chamada à união com Deus, por meio da transformação pela graça divina e da participação no mistério da cruz.

A cruz, para santa carmelita, não é um símbolo de derrota ou de sofrimento sem sentido, mas de vitória - a vitória do amor sobre o ódio, da verdade sobre a mentira, da vida sobre a morte.¹² Esta compreensão mística da cruz como centro da vida cristã reflete sua profunda integração entre a fenomenologia e a teologia, mostrando como a experiência vivida do sofrimento pode ser transformada pela graça em um sacrifício redentor.

⁹ STEIN, E. *Potência e Ato: Estudos para uma Filosofia do Ser*. São Paulo: Paulus, 2003.

¹⁰ Ibid., *Autorretrato em Cartas*, pp. 156-175.

¹¹ Ibid., *A Ciência da Cruz*. São Paulo: Paulus, 2005.

¹² Ibid., *A Ciência da Cruz*, pp. 1-45.

d) O Martírio: A Confirmação Suprema de Sua Antropologia

Em 1938, quando a perseguição aos judeus intensificou-se na Alemanha, Edith Stein foi transferida para o Carmelo em Echt, nos Países Baixos, esperando encontrar segurança e continuar sua vida de oração e reflexão.¹³ Porém, em 1942, após a invasão nazista dos Países Baixos, ela foi capturada pela Gestapo juntamente com sua irmã Rosa, que também havia se convertido ao catolicismo e vivia no convento como religiosa. Ambas foram enviadas para Auschwitz, onde enfrentariam o teste supremo de suas convicções.

No campo de concentração, Stein manteve sua serenidade e sua fé inabalável diante das circunstâncias mais horríveis imagináveis.¹⁴ Testemunhas relatam que ela confortava outras prisioneiras, oferecia sua vida pelo mundo e permanecia fiel a suas convicções até o final, testemunhando, por meio de seu comportamento, a dignidade inviolável da pessoa humana. Ela foi assassinada nas câmaras de gás de Auschwitz em 9 de agosto de 1942, provavelmente no mesmo dia de sua chegada ao campo, consumando, assim, seu sacrifício.

A morte de Stein não foi uma derrota de sua antropologia, mas sua confirmação suprema e mais eloquente.¹⁵ Ela havia ensinado que a pessoa humana possui uma dignidade que transcende qualquer tentativa de negá-la ou destruí-la, e sua morte testemunhou esta verdade de forma radical e irrefutável. Nenhuma força terrena poderia tirar sua dignidade, sua liberdade interior ou sua capacidade de amar. Como ela havia escrito, anos antes, com profunda convicção: "Ninguém pode tirar de mim aquilo que eu ofereço livremente a Deus."¹⁶

Parte II: Os Fundamentos da Antropologia de Edith Stein

A Parte II desvenda os fundamentos filosóficos da antropologia de Edith Stein por meio de sua síntese orgânica entre a fenomenologia husserliana e a metafísica tomista. Esta integração articula uma compreensão da pessoa que honra simultaneamente a experiência vivida e a

¹³ HERBSTRIETH, W. *Edith Stein: Uma Biografia*, pp. 189-210.

¹⁴ STEIN, E. *Autorretrato em Cartas*, pp. 289-305.

¹⁵ JOÃO PAULO II. *Homilia para a Canonização de Edith Stein*. Brasília: CNBB, 1998.

¹⁶ STEIN, E. *Autorretrato em Cartas*, p. 298.

verdade metafísica, rejeitando tanto o dualismo cartesiano quanto o materialismo moderno. Sua análise fenomenológica da empatia revela que o conhecimento do outro fundamenta a relacionalidade constitutiva da pessoa humana. Ao articular a pessoa como tríade integrada de razão, vontade e coração — capacidades que refletem a imagem de Deus — Stein oferece uma visão que transcende o intelectualismo abstrato, mostrando que a verdadeira humanidade consiste na integração harmoniosa destas dimensões numa atitude fundamental de entrega e comunhão.

a) A Síntese Fenomenológica-Tomista: Uma Visão Integrada da Pessoa

A contribuição mais significativa de Edith Stein à antropologia católica é sua síntese entre a fenomenologia husserliana e a metafísica tomista, uma integração que não é artificial, mas orgânica e profundamente frutífera.¹⁷ A fenomenologia, como método filosófico desenvolvido por Edmund Husserl, busca descrever a estrutura essencial da experiência vivida, perguntando como experimentamos o mundo, como conhecemos outras pessoas, como vivenciamos nosso corpo e como nos relacionamos com valores e significados. Ela rejeita tanto o empirismo ingênuo, que reduz a experiência a sensações isoladas, quanto o racionalismo abstrato, que ignora a concretude da vida vivida.

Stein abraçou este método com entusiasmo porque via nele uma forma de honrar a experiência humana concreta enquanto buscava compreender sua estrutura essencial com rigor. Mas ela reconheceu também que a fenomenologia, tal como desenvolvida por Husserl, tinha limitações importantes que precisavam ser superadas.¹⁸ Husserl permanecia preso a uma certa forma de idealismo transcendental que não conseguia fundamentar adequadamente a realidade do mundo externo e da alteridade (a consciência do outro), deixando questões cruciais sem respostas satisfatórias.

¹⁷ ALES BELLO, A. *A Dimensão Ética da Fenomenologia de Edith Stein*, pp. 89-125. Husserl permanecia preso a uma certa forma de idealismo transcendental que não conseguia fundamentar adequadamente a realidade do mundo externo e da alteridade (a consciência do outro), deixando questões cruciais sem respostas satisfatórias.

¹⁸ STEIN, E. *Potência e Ato*, pp. 1-50.

A metafísica tomista, por outro lado, oferecia uma base sólida para compreender a realidade em si mesma, não apenas como ela aparece à consciência.¹⁹ Santo Tomás de Aquino, seguindo Aristóteles, entendia a realidade como composta por substâncias individuais que possuem essência e existência. A pessoa humana, para Santo Tomás, é uma substância individual de natureza racional, uma unidade de corpo e alma na qual a alma racional é a forma do corpo. Stein viu que estas duas tradições não estavam em conflito, mas podiam ser integradas de forma extraordinariamente frutífera e mutuamente enriquecedora.

b) A Pessoa como Unidade de Corpo e Alma

Para Edith Stein, a pessoa humana é fundamentalmente um ser encarnado, rejeitando tanto o dualismo cartesiano que vê o corpo como uma máquina separada da mente quanto o materialismo moderno que reduz a pessoa a mero corpo.²⁰ Em vez disso, ela articula uma visão integrada na qual corpo e alma formam uma unidade substancial indivisível. A alma, para Stein, não é uma substância separada que habita o corpo como um piloto numa nave, mas a forma do corpo, o princípio vital que organiza e anima toda a existência corporal de forma integral.

O corpo não é uma prisão da alma, mas o meio através do qual a alma se manifesta e age no mundo, participando ativamente da vida pessoal.²¹ A corporeidade é sagrada porque é através do corpo que amamos, que nos comunicamos, que participamos da criação divina e que expressamos nossa identidade pessoal. Esta compreensão integrada tem implicações profundas para a vida moral e espiritual da pessoa, transformando a forma como entendemos as dimensões fundamentais da existência humana.

Edith Stein articula isto de forma particularmente clara em sua reflexão sobre a castidade, compreendida não como negação da sexualidade, mas como sua integração na pessoa de forma autêntica.²² A castidade é a virtude que permite à pessoa integrar sua sexualidade numa vida de amor verdadeiro — seja este o amor conjugal ou o amor espiritual dedicado a Deus.

¹⁹ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*, qq. 75-76.

²⁰ STEIN, E. *A Mulher: Sua Missão Segundo a Natureza e a Graça*, pp. 45-78.

²¹ Ibid., *O Problema da Empatia*, pp. 1-35 Uma pessoa casta não é alguém que nega sua sexualidade, mas alguém que a vive de forma integrada, significativa e profundamente humana, respeitando a própria e a alheia dignidade..

²² Ibid., *A Mulher*, op. cit., pp. 89-125.

Uma pessoa casta não é alguém que nega sua sexualidade, mas alguém que a vive de forma integrada, significativa e profundamente humana, respeitando a dignidade própria e alheia.

c) *A Empatia e a Intersubjetividade: Conhecendo o Outro*

Uma das contribuições mais originais de Edith Stein é sua análise fenomenológica da empatia, desenvolvida em sua obra *O Problema da Empatia*, onde ela oferece uma valiosa compreensão de como conhecemos outras pessoas.²³ Para a monja carmelita, a empatia não é mero sentimento psicológico ou uma projeção sentimental de nossas próprias emoções sobre o outro, mas uma forma genuína de conhecimento que nos permite acessar a interioridade do outro e reconhecer sua experiência como real e valiosa. Quando vejo alguém sofrendo, não simplesmente projeto meu próprio sofrimento nele; ao contrário, eu apreendo seu sofrimento como seu, como pertencente à sua experiência única.

Este conhecimento empático é fundamental para a vida social e moral, pois através da empatia compreendemos que o outro não é um objeto que observamos de fora, mas uma pessoa cuja experiência é tão real e tão valiosa quanto a nossa.²⁴ Quando reconhecemos verdadeiramente o outro por meio da empatia, quando abrimos nosso coração para compreender sua experiência, sua dor, sua alegria, estamos respondendo à vocação fundamental da pessoa humana: a comunhão autêntica e o reconhecimento mútuo da dignidade.

Edith Stein desenvolve esta análise em diálogo com a fenomenologia husserliana, mas vai além dela de forma significativa e inovadora.²⁵ Para Husserl, a empatia permanecia fundamentalmente um ato da consciência individual, mas para Stein, a empatia aponta para uma realidade mais profunda: a pessoa humana é fundamentalmente relacional em sua própria constituição. Não somos átomos isolados que ocasionalmente entram em contato uns com os outros; somos seres cuja existência é constitutivamente relacional e que encontram seu sentido na comunhão.

²³ *Ibid.*, *O Problema da Empatia*, op. cit., pp. 1-150.

²⁴ ALES BELLO, A. *Edith Stein e a Fenomenologia*, pp. 145-175.

²⁵ STEIN, E. *O Problema da Empatia*, pp. 100-150.

d) *A Pessoa como Ser Espiritual: Razão, Vontade e Coração*

Para Edith Stein, a pessoa humana é fundamentalmente um ser espiritual, não no sentido de ser desencarnada ou imaterial, mas no sentido de possuir capacidades que transcendem o meramente físico ou biológico.²⁶ A pessoa humana possui razão, a capacidade de conhecer a verdade; vontade, a capacidade de escolher o bem; e aquilo que Stein chama de "coração" - uma capacidade profunda de amar e de se entregar. A razão não é meramente a capacidade de calcular ou de processar informações, mas a capacidade de apreender a realidade em sua verdade, participando, assim, da verdade divina.

A vontade é a capacidade de escolher o bem de forma livre e deliberada, não mero desejo ou impulso, mas a capacidade de deliberar entre diferentes bens e de escolher livremente.²⁷ A vontade é onde reside a liberdade humana autêntica, pois somos livres não porque podemos fazer qualquer coisa, mas porque podemos escolher o bem e conformar nossa vontade à vontade divina. O "coração", para Stein, é a capacidade de amar, o centro da pessoa onde razão e vontade se integram numa atitude fundamental de entrega e comunhão.

Esta tríade - razão, vontade e coração - reflete a estrutura da pessoa humana como imagem de Deus, pois Deus é verdade, bondade e amor.²⁸ Quando desenvolvemos estas capacidades em nós mesmos de forma integrada, tornamo-nos mais semelhantes a Deus e mais plenamente humanos. Uma pessoa pode ser intelectualmente brilhante e moralmente virtuosa, mas se seu coração não está aberto ao amor e à entrega, sua vida permanece fundamentalmente vazia e incompleta.

²⁶ Ibid., *Potência e Ato*, pp. 100-150.

²⁷ Ibid., *A Mulher*, pp. 1-45.

²⁸ Ibid., *A Ciência da Cruz*, pp. 45-89a em particular coEsta síntese entre reflexão filosófica e ensinamento magisterial revela que a antropologia católica é uma visão coerente que ilumina todas as dimensões da existência humana, mostrando que nenhuma delas pode ser separada da vocação fundamental à santidade e à comunhão com Deus.m

Parte III: A Antropologia de Stein em Diálogo com o Ensino da Igreja

A Parte III demonstra que a antropologia de Edith Stein está em profunda harmonia com o ensinamento oficial da Igreja Católica, particularmente o Concílio Vaticano II. Ao dialogar com a Doutrina Social da Igreja, Stein oferece fundamentação filosófica rigorosa para princípios centrais da fé: a dignidade inalienável da pessoa humana, a rejeição do dualismo e materialismo, a relacionalidade que fundamenta a solidariedade, e a vocação universal à santidade como transformação do mundo. Esta síntese entre reflexão filosófica e ensinamento magisterial revela que a antropologia católica é uma visão coerente que ilumina todas as dimensões da existência humana, mostrando que nenhuma pode ser separada da vocação fundamental à santidade e comunhão com Deus.

a) *A Dignidade da Pessoa Humana: Fundamento da Doutrina Social Católica*

A antropologia de Edith Stein está em profunda harmonia com o ensinamento oficial da Igreja Católica sobre a dignidade da pessoa humana, articulado de forma particularmente clara no Concílio Vaticano II.²⁹ A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* afirma: “A pessoa humana é a única criatura na terra que Deus quis por si mesma”, uma afirmação fundamental que ressoa profundamente com o pensamento de Stein.³⁰ Para ela, como para a Igreja, a pessoa humana não é um meio para um fim, nem um instrumento a ser utilizado ou explorado, mas um fim em si mesma.

Esta dignidade não é conferida pela sociedade, pelo Estado ou por qualquer autoridade terrena, mas é inerente à pessoa humana como tal, brotando do facto de que cada pessoa é criada à imagem de Deus e é chamada à comunhão com Ele.³¹ Nenhuma circunstância - nem pobreza, nem doença, nem deficiência, nem mesmo o crime - pode tirar esta dignidade fundamental e inalienável. A santa carmelita vivenciou pessoalmente as consequências de negar esta dignidade quando os nazistas, em sua ideologia racista, negavam a dignidade humana a judeus, pessoas com deficiência e prisioneiros políticos.

²⁹ CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*, nn. 12-22.

³⁰ Ibid., *Gaudium et Spes*, n. 24.

³¹ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*, para. 355-365.

A Igreja, na sua doutrina social, enfatiza que o respeito pela dignidade da pessoa humana deve traduzir-se em estruturas sociais justas e em políticas que promovam o bem comum.³² A *Encíclica Laborem Exercens* do Papa João Paulo II articula uma visão do trabalho que honra a dignidade do trabalhador, compreendendo-o não meramente como forma de ganhar a vida, mas como participação na obra criadora de Deus.³³ Esta perspectiva ressoa com a compreensão de Stein sobre o trabalho como expressão da dignidade humana e como oportunidade de contribuir para o bem comum.

b) A Pessoa Encarnada: Rejeição do Dualismo e do Materialismo

Como visto anteriormente, a compreensão de Edith Stein da pessoa como unidade de corpo e alma está em harmonia com o ensinamento católico sobre a natureza humana, que rejeita tanto o dualismo que vê corpo e alma como substâncias separadas quanto o materialismo que reduz a pessoa a mero corpo.³⁴ O Catecismo da Igreja Católica afirma: "A pessoa humana, criada à imagem de Deus, é um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual," refletindo a compreensão tomista que Stein abraçou profundamente em sua obra.³⁵

Esta afirmação reflete a compreensão integrada que a Igreja defende: a pessoa não é um espírito aprisionado num corpo, nem um corpo dotado de uma mente separada, mas uma unidade substancial onde cada dimensão é essencial para a pessoa ser plenamente humana.³⁶ Esta compreensão integrada tem implicações importantes para a moral sexual e para a compreensão do matrimônio, que a Igreja ensina ser uma forma de integração da sexualidade numa vida de amor mútuo e de abertura à vida.

A santa carmelita articula isto de forma particularmente clara em sua reflexão sobre a vocação da mulher, compreendendo-a não como um corpo a ser utilizado, nem como um espírito desencarnado, mas como uma pessoa integral cuja feminilidade é uma dimensão importante

³² JOÃO PAULO II. *Encíclica Laborem Exercens*, nn. 1-15.

³³ *Ibid*, *Laborem Exercens*, nn. 4-6

³⁴ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, para. 362-365.

³⁵ *Ibid.*, para. 362.

³⁶ STEIN, E. *Potência e Ato*, pp. 125-175.

de sua identidade.³⁷ A mulher, como o homem, é chamada à santidade e à realização plena de sua vocação pessoal, seja esta a maternidade, a vida profissional, a vida religiosa ou uma combinação criativa destas formas de vida.

c) A Pessoa Relacional: Comunhão e Solidariedade

A compreensão de Stein da pessoa como fundamentalmente relacional está em harmonia com o ensinamento católico sobre a comunhão e a solidariedade, que enfatiza que a pessoa humana não é um indivíduo isolado, mas um ser chamado à comunhão com Deus e com os outros. A *Encíclica Evangelium Vitae* do Papa João Paulo II articula isto de forma clara, enfatizando que a vida é sempre um bem e que não é meramente biológica, mas uma vida em comunhão e em relação com os outros.

A Doutrina Social da Igreja enfatiza a solidariedade como um princípio fundamental que significa reconhecer que somos todos membros de uma única família humana, que temos responsabilidades uns para com os outros, e que o bem comum é inseparável do bem individual.³⁸ Esta solidariedade não é meramente um sentimento psicológico, mas uma atitude fundamental que deve traduzir-se em estruturas sociais justas e em políticas que promovam o cuidado mútuo.

Edith Stein compreende a empatia como o fundamento desta solidariedade, pois quando verdadeiramente compreendemos o outro através da empatia, quando reconhecemos sua dignidade e sua vulnerabilidade, somos movidos a agir pela justiça e pela caridade.³⁹ A empatia não é meramente um sentimento psicológico; é uma resposta à vocação fundamental da pessoa humana de viver em comunhão autêntica e de reconhecer a dignidade do outro como igual à nossa.

³⁷ STEIN, E. *A Mulher*, pp. 45-125.

³⁸ JOÃO PAULO II. *Encíclica Centesimus Annus*, nn. 40-45.

³⁹ STEIN, E. *O Problema da Empatia*, pp. 125-150.

d) A Pessoa Espiritual: Chamada à Santidade

A compreensão de Stein da pessoa como fundamentalmente espiritual, chamada à união com Deus por meio da santidade e da transformação pela graça divina, está no coração do ensinamento católico sobre a vocação universal à santidade. O Concílio Vaticano II afirma: "Assim, é evidente para todos que todos os fiéis, de qualquer condição ou estado, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade," rejeitando a ideia de que a santidade é reservada a alguns eleitos.⁴⁰

Esta chamada à santidade não é uma fuga do mundo, mas uma transformação do mundo através da graça divina que permeia todas as dimensões da vida pessoal.⁴¹ A pessoa santa não é alguém que nega a realidade material ou que se retira da vida social, mas alguém cuja vida, em todas as suas dimensões - profissional, familiar, social, política - é orientada para Deus e progressivamente transformada pela graça.

Edith Stein exemplifica isto de forma extraordinária em sua própria vida, mostrando como o intelectual rigoroso, a mulher autêntica, a religiosa contemplativa e a mártir podem ser uma mesma pessoa.⁴² Estas dimensões não estão em conflito; são expressões diferentes de uma mesma vocação fundamental: a busca pela verdade e a entrega total a Deus em amor sacrificial.

Parte IV: A Vocação da Mulher na Antropologia de Edith Stein

A Parte IV examina a reflexão de Edith Stein sobre a vocação da mulher como resposta equilibrada às ideologias contemporâneas que negam ou exploram a diferença sexual. Por meio de sua obra *A Mulher: Sua Missão Segundo a Natureza e a Graça*, Stein articula uma visão que afirma, simultaneamente, a igualdade fundamental em dignidade e direitos e o reconhecimento de diferenças reais enraizadas na natureza. Sua compreensão da maternidade como atitude fundamental de abertura e cuidado vivida em múltiplas formas—vida religiosa, profissão,

⁴⁰ Ibid.

⁴¹ Ibid., *A Ciência da Cruz*, pp. 1-45.

⁴² HERBSTTRITH, W. *Edith Stein: Uma Biografia*, pp. 1-250.

educação ou família—oferece uma alternativa inclusiva e humanista. Ao fundamentar a complementaridade autêntica na riqueza da criação divina e na vocação comum à santidade, Stein rejeita tanto o igualitarismo quanto o tradicionalismo opressivo, apresentando uma visão em harmonia com o ensinamento da Igreja e relevante para mulheres contemporâneas.

a) Uma Resposta Profunda às Questões Contemporâneas

A reflexão de Edith Stein sobre a vocação da mulher é particularmente relevante para responder às ideologias contemporâneas que negam a realidade da diferença sexual e reduzem a pessoa a uma construção social arbitrária. Em sua obra *A Mulher: Sua Missão Segundo a Natureza e a Graça*, Stein articula uma visão que honra tanto a igualdade fundamental entre homem e mulher quanto a diferença real que existe entre eles.⁴³ Ela rejeita tanto o feminismo radical, que nega qualquer diferença entre homem e mulher, quanto o patriarcalismo, que subordina a mulher ao homem e a reduz a um papel meramente reprodutivo.

Em vez disso, ela propõe uma visão em que a complementaridade entre homem e mulher reflete a riqueza da criação divina e oferece oportunidades únicas para cada um contribuir com seus dons particulares.⁴⁴ Para Stein, a mulher possui uma vocação específica, enraizada em sua natureza e em sua experiência, que não é inferior à do homem, mas diferente. Esta vocação inclui uma capacidade particular de gerar vida, de cuidar, de amar de forma integral e de criar comunhão, conferindo à mulher uma dignidade e uma responsabilidade próprias.

A perspectiva de Edith Stein oferece uma alternativa profunda ao debate contemporâneo sobre igualdade de gênero, mostrando que é possível afirmar tanto a igualdade fundamental quanto a diferença real sem cair em contradição.⁴⁵ A mulher não precisa imitar o homem nem negar sua feminilidade para ser igual em dignidade; pelo contrário, é por meio da vivência autêntica de sua feminilidade que realiza plenamente sua vocação e contribui de forma única para a transformação do mundo.

⁴³ STEIN, E. *A Mulher*, pp. 1-50.

⁴⁴ *Ibid.*

⁴⁵ *Ibid.*, pp. 45-100A maternidade é, fundamentalmente, uma atitude — uma abertura para receber, cuidar e nutrir — que pode ser vivida de múltiplas formas..

b) A Maternidade: Uma Atitude Fundamental da Mulher

Para a santa carmelita, a maternidade não se reduz à procriação biológica, embora a maternidade biológica seja uma expressão importante e sagrada da vocação feminina. A maternidade é fundamentalmente uma atitude — uma abertura para receber, cuidar e nutrir — que pode ser vivida de múltiplas formas. Esta compreensão permite que Stein articule uma visão da vocação feminina que é simultaneamente profundamente tradicional e profundamente inclusiva, reconhecendo as diferentes formas de vida que as mulheres podem escolher.

A mulher que escolhe a vida religiosa vive sua vocação maternal de forma espiritual, gerando filhos para Deus através da oração e do sacrifício, participando na obra redentora de Cristo.⁴⁶ A mulher que trabalha como professora, médica ou assistente social vive sua vocação de cuidado e amor por meio de sua profissão, servindo aos outros com dedicação e compaixão. A mulher que é mãe vive sua vocação de forma integral, participando da obra criadora de Deus e formando novas gerações para a verdade, a bondade e a beleza.

Edith Stein mesma exemplifica isto de forma eloquente em sua própria vida, pois nunca foi mãe biológica, mas sua vida foi profundamente maternal em múltiplas dimensões.⁴⁷ Como professora, ela cuidava de seus alunos com dedicação; como religiosa, intercedia pela salvação do mundo; como intelectual, gerava ideias que alimentavam a mente e o coração de seus leitores. Sua maternidade espiritual era tão real e tão significativa quanto a maternidade biológica, o que demonstrava a veracidade de sua própria reflexão teórica.

c) A Igualdade na Diferença: Uma Alternativa ao Debate Contemporâneo

A perspectiva de Stein oferece uma alternativa profunda ao debate contemporâneo sobre igualdade de gênero, evitando tanto o igualitarismo que nega qualquer diferença quanto o

⁴⁶ Ibid., pp. 175-210.

⁴⁷ HERBSTTRITH, W. *Edith Stein: Uma Biografia*, pp. 78-150.

tradicionalismo que usa a diferença para justificar subordinação.⁴⁸ Ela não nega a igualdade fundamental em dignidade e direitos entre homem e mulher, mas fundamenta-a na compreensão de que ambos são criados à imagem de Deus e chamados à santidade. Contudo, ela também reconhece que existem diferenças reais entre homem e mulher — diferenças biológicas, psicológicas e espirituais — que não devem ser negadas ou ignoradas.

Estas diferenças não justificam a subordinação ou a discriminação, mas oferecem a oportunidade para uma complementaridade autêntica, na qual cada um contribui com seus dons particulares para a construção de uma comunidade humana mais plena e mais amorosa.⁴⁹ A mulher realiza plenamente sua vocação não por imitação do homem nem pela negação de sua feminilidade, mas pela vivência autêntica de sua feminilidade e pela expressão de seus dons particulares. Esta perspectiva ressoa profundamente com o ensinamento da Igreja sobre a mulher, particularmente a *Encíclica Mulieris Dignitatem* do Papa João Paulo II.⁵⁰

A Igreja enfatiza que a mulher possui uma dignidade própria e uma vocação específica que não é inferior à do homem, mas diferente e complementar.⁵¹ A Igreja chama a mulher a viver sua feminilidade de forma plena e autêntica, contribuindo com seus dons particulares para a vida da Igreja e da sociedade. Esta visão, articulada tanto por Edith Stein quanto pela Igreja, oferece um caminho que honra tanto a igualdade fundamental quanto a diferença real, rejeitando tanto o feminismo radical quanto o patriarcalismo opressivo.

Parte V: A Mística da Cruz: A Consumação da Antropologia de Stein

A Parte V apresenta a consumação da antropologia de Edith Stein por meio de sua visão mística da cruz como centro da vida cristã e chave para a transformação integral da pessoa pela graça divina. Stein transcende a reflexão meramente filosófica para oferecer uma síntese existencial que integra razão e fé, filosofia e teologia, demonstrando que a verdadeira sabedoria reconhece os limites da razão e abraça a revelação divina como seu cumprimento. Sua compreensão da

⁴⁸ STEIN, E. *A Mulher*, pp. 45-125.

⁴⁹ *Ibid.*, pp. 125-175.

⁵⁰ JOÃO PAULO II. *Encíclica Mulieris Dignitatem*, nn. 1-31.

⁵¹ *Ibid.*, nn. 10-15.

cruz como vitória do amor sobre o ódio oferece uma resposta humanista e esperançosa ao sofrimento, mostrando que toda dor pode ser transformada em sacrifício redentor. O martírio de Stein em Auschwitz confirma sua antropologia: nenhuma força terrena pode retirar a dignidade inalienável da pessoa humana. Sua canonização como padroeira da Europa atesta que sua mensagem permanece viva, oferecendo ao leigo moderno um modelo concreto de como integrar todas as dimensões da existência numa vocação fundamental orientada para a transformação do mundo por meio da graça divina.

a) A Pessoa Chamada à Transformação pela Graça

A antropologia de Edith Stein culmina numa visão mística da pessoa humana como chamada à união com Deus através da santidade e da transformação pela graça divina, integrando toda a sua reflexão anterior.⁵² Para a monja carmelita, a realização plena do ser humano não consiste na autossuficiência ou na autonomia absoluta, como afirma o humanismo secular moderno, mas na entrega total a Deus e na colaboração com a sua graça transformadora. A pessoa humana é um ser em caminho, um peregrino cuja existência adquire sentido e plenitude quando orientada para o transcendente e abre seu coração à ação transformadora do Espírito Santo.

Esta visão integra a razão filosófica à experiência mística, demonstrando que a verdadeira sabedoria consiste em reconhecer os limites da razão humana e em abraçar a revelação divina como cumprimento e elevação do conhecimento racional.⁵³ A santa carmelita não vê contradição entre a razão e a fé, entre a filosofia e a teologia, entre a experiência humana e o mistério divino. Ao contrário, ela vê a fé como o cumprimento da razão, a teologia como o aprofundamento da filosofia, o mistério divino como a resposta às perguntas mais profundas do coração humano.⁵⁴

Sua conversão ao catolicismo não foi uma rejeição da filosofia, mas uma descoberta de que a verdade mais profunda, a resposta mais satisfatória às perguntas fundamentais da existência,

⁵² Ibid., *A Ciência da Cruz*, op. cit., pp. 1-100.

⁵³ Ibid., pp. 45-89.

⁵⁴ Ibid., *Potência e Ato*, pp. 1-50.

encontra-se na revelação divina e na pessoa de Cristo.⁵⁵ Por isso, a vida contemplativa, que Edith Stein escolheu ao entrar no Carmelo, não é uma fuga do mundo, mas uma entrega total a Deus, que oferece uma contribuição profunda à transformação do mundo por meio da oração e do sacrifício. Para ela, a contemplação e a ação não são opostas, mas complementares; a contemplação alimenta a ação, e a ação é expressão da contemplação.⁵⁶

b) A Cruz como Centro da Vida Cristã

Na sua obra *A Ciência da Cruz*, Edith Stein desenvolve uma reflexão profunda sobre o mistério da cruz como centro da vida cristã e como chave para compreender a transformação da pessoa pela graça.⁵⁷ A cruz não é um símbolo de derrota ou de sofrimento sem sentido, mas de vitória — a vitória do amor sobre o ódio, da verdade sobre a mentira, da vida sobre a morte. Esta compreensão mística da cruz reflete sua profunda integração da fenomenologia com a teologia, mostrando como a experiência vivida do sofrimento pode ser transformada pela graça em sacrifício redentor e em participação na obra salvífica de Cristo.

Para Stein, a cruz é o destino de todo cristão chamado à santidade, não como punição ou como algo meramente negativo, mas como oportunidade de participação na redenção do mundo.⁵⁸ Ela escreve com profunda convicção: “Eu já sabia que a cruz é o destino da Igreja, e agora compreendo que sou uma pequena parte dessa cruz.”⁵⁹ Esta afirmação não é expressão de desespero, mas de aceitação alegre da vocação de ser instrumento da graça divina. A pessoa que abraça a cruz não nega a realidade do sofrimento, mas o transforma, por meio da fé, em um sacrifício oferecido por amor.

A mística da cruz em Stein não é pessimista ou masoquista, mas profundamente humanista e esperançosa.⁶⁰ Ela reconhece que o sofrimento é real e que a vida contém dor, mas afirma que este sofrimento pode ser redimido e transformado quando oferecido a Deus em amor. A

⁵⁵ Ibid., *Autorretrato em Cartas*, pp. 89-105.

⁵⁶ Ibid., E. *A Ciência da Cruz*, pp. 100-150.

⁵⁷ Ibid.

⁵⁸ Ibid., pp. 45-100.

⁵⁹ Ibid., E. *Autorretrato em Cartas*, op. cit., p. 298.

⁶⁰ Ibid., E. *A Ciência da Cruz*, op. cit., pp. 100-175.

pessoa que vive a mística da cruz não busca o sofrimento, mas, quando o encontra — e todos o encontram na vida —, o transforma em oportunidade de crescimento espiritual e de participação na redenção.

c) *A Vida e Morte de Stein como Testemunho*

A vida e a obra de Edith Stein, culminadas no martírio em Auschwitz em 1942, testemunham a profundidade dessa antropologia que vê na pessoa humana um ser capaz de sacrifício supremo por amor à verdade e à justiça. A monja carmelita não apenas teorizou sobre a dignidade da pessoa humana, mas também vivenciou pessoalmente as consequências de negá-la ao enfrentar a ideologia nazista. Como mulher, como intelectual, como judia convertida ao catolicismo, Stein viveu na tensão entre diferentes identidades e tradições, integrando-as numa síntese pessoal profunda.

Sua conversão ao catolicismo não foi uma rejeição de sua identidade judaica, mas sim uma compreensão de que Jesus Cristo era o cumprimento das promessas do Antigo Testamento e a resposta às esperanças de seu povo.⁶¹ Quando os nazistas chegaram ao poder, ela experimentou pessoalmente a negação radical da dignidade humana, a redução da pessoa a uma categoria biológica a ser eliminada. Sua resposta não foi desespero ou ódio, mas uma oferta de seu sofrimento e de sua morte como sacrifício pela salvação do mundo, vivendo até o fim a mística da cruz que havia desenvolvido em sua obra teológica.

Seu martírio em Auschwitz não foi uma derrota da antropologia que ela defendia, mas sim sua confirmação suprema e mais eloquente.⁶² Edith Stein morreu testemunhando que a pessoa humana possui uma dignidade que transcende qualquer tentativa de negá-la ou de destruí-la, uma dignidade que encontra seu fundamento em Deus e que não pode ser tirada por nenhuma força terrena. Sua vida e morte oferecem um testemunho poderoso de que a verdadeira humanidade consiste não na busca de poder ou de segurança material, mas na entrega total a Deus e no amor sacrificial pelos outros.

⁶¹ STEIN, E. *Autorretrato em Cartas*, pp. 89-105.

⁶² JOÃO PAULO II. *Homilia para a Canonização de Edith Stein*.

d) O Reconhecimento da Igreja: Canonização e Relevância Contemporânea

A canonização da Irmã Teresa Benedita da Cruz, pelo Papa João Paulo II, em 1998, reconheceu oficialmente a santidade de sua vida e a relevância de sua mensagem para a Igreja contemporânea.⁶³ Ela é proclamada padroeira da Europa, uma figura que representa a possibilidade de reconciliação entre diferentes tradições e culturas, a capacidade de amar mesmo diante do ódio e a dignidade inviolável da pessoa humana que nenhuma ideologia pode negar ou destruir. Esta canonização não foi meramente um reconhecimento do passado, mas uma afirmação da relevância contínua de seu pensamento e testemunho.

A mensagem da ex-judia que se tornou monja carmelita permanece extraordinariamente relevante para o mundo contemporâneo, que enfrenta desafios semelhantes aos que ela enfrentou: o conflito entre diferentes visões de mundo, a negação da dignidade humana, a redução da pessoa a categorias biológicas ou sociais, a busca por sentido e verdade. Sua antropologia oferece uma resposta concreta a estas questões, mostrando que é possível ser uma grande intelectual, uma mulher realizada, uma pessoa espiritual profunda e um mártir pela fé — tudo isso sem contradição, mas como expressão de uma mesma vocação fundamental.

Para o leigo contemporâneo que procura compreender a pessoa humana em sua totalidade, Edith Stein oferece um modelo de como integrar razão e fé, experiência vivida e verdade metafísica, individualidade e relação, corpo e alma, ação e contemplação.⁶⁴ Sua vida demonstra que esta integração não é apenas teoricamente possível, mas também existencialmente realizável, mesmo nas circunstâncias mais adversas. A sua canonização é um convite para que todos os cristãos, leigos e religiosos, busquem esta integração em suas próprias vidas.

⁶³ Ibid., *Homília para a Canonização de Edith Stein*.

⁶⁴ STEIN, E. *Potência e Ato*, pp. 1-250.

Conclusão

A antropologia de Edith Stein representa uma contribuição singular e duradoura para a compreensão da pessoa humana, oferecendo uma síntese profunda entre a fenomenologia moderna e a metafísica tomista, enriquecendo ambas as tradições. Sua vida extraordinária - marcada pela conversão genuína, pela dedicação intelectual rigorosa, pela vida contemplativa profunda e pelo testemunho mártir - não é meramente biográfica, mas paradigmática para todos aqueles que buscam viver a fé de forma integrada e autêntica. Ela demonstra que é possível ser um intelectual rigoroso sem negar a fé, uma mulher realizada sem rejeitar sua feminilidade, uma pessoa espiritual profunda sem fugir do mundo, e um mártir pela verdade sem cair no desespero. A sua antropologia está em profunda harmonia com o ensinamento oficial da Igreja Católica sobre a dignidade da pessoa humana, a vocação universal à santidade e a complementaridade entre homem e mulher. Ela oferece respostas profundas aos grandes desafios da modernidade: como compreender a pessoa humana em sua totalidade, honrando tanto a dimensão material quanto a espiritual, tanto a experiência vivida quanto a verdade metafísica, tanto a individualidade quanto a relação com o outro. Sua reflexão sobre a empatia e a intersubjetividade oferece um antídoto profundo contra o individualismo moderno, mostrando que a pessoa humana é fundamentalmente relacional e chamada à comunhão.

Para o leigo contemporâneo que procura compreender sua própria vocação e identidade, a obra da santa carmelita oferece orientação e inspiração. Ela mostra que a busca pela verdade, a dedicação ao trabalho, o cuidado com os outros, a vida familiar, a vida profissional e a vida espiritual não são dimensões conflitantes da existência, mas expressões diferentes de uma mesma vocação fundamental: a busca pela verdade e a entrega a Deus em amor. A canonização de Edith Stein pela Igreja reconhece não apenas a santidade de sua vida pessoal, mas também a validade e a relevância contínua de seu pensamento antropológico para o catolicismo e para o mundo contemporâneo. Sua mensagem permanece viva e desafiadora: que cada pessoa descubra sua dignidade inalienável, desenvolva suas capacidades de razão, vontade e amor, e se entregue totalmente a Deus, tornando-se assim instrumento da graça divina para a transformação do mundo.

Questões para Aprofundamento sobre a Antropologia de Edith Stein

1. Qual foi o ponto de virada na vida intelectual de Edith Stein?

- A leitura da autobiografia de Santa Teresa de Ávila, durante uma visita à Catedral de Colônia em 1922, foi o ponto de virada decisivo. Neste momento, Stein experimentou uma conversão súbita ao catolicismo, reconhecendo em Cristo não uma contradição com a verdade racional que havia buscado, mas seu fundamento e sua plenitude. Esta conversão representou a integração de toda sua busca intelectual anterior com a dimensão espiritual e mística.

2. Por que Edith Stein deixou seu cargo como assistente de Husserl?

- Stein deixou seu cargo poucos meses após sua conversão ao catolicismo porque havia encontrado a verdade mais profunda que transcendia todas as suas buscas filosóficas anteriores. Para ela, a revelação divina era a resposta suprema às questões fundamentais da existência humana. Esta decisão, embora espantasse seus colegas fenomenólogos, refletia sua convicção de que a fé não era um abandono da razão, mas seu cumprimento.

3. Como Stein integra a fenomenologia à metafísica tomista?

- Stein reconheceu que a fenomenologia de Husserl, embora valiosa para descrever a estrutura da experiência vivida, tinha limitações ao permanecer presa ao idealismo transcendental. A metafísica tomista, por outro lado, oferecia uma base sólida para compreender a realidade em si mesma. Stein sintetizou ambas as tradições, usando a fenomenologia para descrever como vivemos nossa existência e a metafísica tomista para fundamentar estas descrições numa compreensão da realidade que transcende a mera subjetividade.

4. Qual é a compreensão de Stein sobre a relação entre corpo e alma?

- Para Stein, corpo e alma não são substâncias separadas, mas formam uma unidade substancial indivisível. A alma não é uma substância que habita o corpo como um piloto numa nave, mas a forma do corpo, o princípio vital que organiza e anima toda a existência corporal. O corpo não é uma prisão da alma, mas o meio por meio do qual a alma se manifesta e age no mundo, participando ativamente da vida pessoal.

5. Como Stein compreende a empatia de forma diferente de Husserl?

- Enquanto Husserl via a empatia como fundamentalmente um ato da consciência individual, Stein a compreende como apontando para uma realidade mais profunda: a pessoa humana é fundamentalmente relacional em sua própria constituição. A empatia não é apenas um processo psicológico, mas também uma forma genuína de conhecimento que nos permite acessar a interioridade do outro e reconhecer sua experiência como real e valiosa.

6. Qual é a importância da tríade razão-vontade-coração na antropologia de Stein?

- Esta tríade reflete a estrutura da pessoa humana como imagem de Deus. A razão é a capacidade de conhecer a verdade; a vontade é a capacidade de escolher o bem; e o coração é a capacidade de amar e se entregar. Estas três dimensões devem estar integradas para que a pessoa seja plenamente humana. Uma pessoa intelectualmente brilhante, mas com o coração fechado ao amor, permanece fundamentalmente incompleta.

7. Como a antropologia de Stein se relaciona com a doutrina social da Igreja?

- A antropologia de Stein está em profunda harmonia com o ensinamento da Igreja sobre a dignidade inalienável da pessoa humana. Ambas rejeitam a ideia de que a pessoa é um meio para um fim. A doutrina social da Igreja enfatiza que este respeito pela dignidade deve traduzir-se em estruturas

sociais justas, uma perspectiva que Stein compartilha e desenvolve em sua reflexão sobre o trabalho como participação na obra criadora de Deus.

8. Qual é a posição de Stein sobre a castidade?

- Para Stein, a castidade não é negação da sexualidade, mas sua integração autêntica na pessoa. É a virtude que permite integrar a sexualidade numa vida de amor verdadeiro, seja o amor conjugal ou o amor espiritual dedicado a Deus. Uma pessoa casta não nega sua sexualidade, mas a vive de forma integrada, significativa e profundamente humana, respeitando a própria e a alheia dignidade.

9. Como Stein responde ao debate contemporâneo sobre igualdade de gênero?

- Stein oferece uma alternativa que evita tanto o igualitarismo, que nega qualquer diferença, quanto o tradicionalismo, que usa a diferença para justificar a subordinação. Ela afirma que homem e mulher possuem igualdade fundamental em dignidade e direitos, mas reconhece diferenças reais entre eles. Estas diferenças não justificam subordinação, mas oferecem oportunidade de complementaridade autêntica, na qual cada um contribui com seus dons particulares.

10. Qual é a compreensão de Stein sobre a maternidade?

- Para Stein, a maternidade não se reduz à procriação biológica. É fundamentalmente uma atitude—uma abertura para receber, cuidar e nutrir—que pode ser vivida de múltiplas formas: através da maternidade biológica, da vida religiosa, da educação, ou de qualquer profissão exercida com dedicação e amor. Sua própria vida exemplificou esta maternidade espiritual como religiosa, professora e intelectual.

11. Como Stein compreende a relação entre contemplação e ação?

- Para Stein, contemplação e ação não são opostas, mas complementares. A contemplação alimenta a ação, e a ação é expressão da contemplação. Sua

entrada no Carmelo em 1933, durante a ascensão de Hitler, não foi uma fuga do mundo, mas uma participação profunda na redenção do mundo por meio da oração e do sacrifício. A vida contemplativa oferece uma contribuição concreta para a transformação do mundo.

12. Qual é o significado da cruz na antropologia de Stein?

- A cruz é o centro da vida cristã e representa vitória, não derrota. É a vitória do amor sobre o ódio, da verdade sobre a mentira, da vida sobre a morte. Para Stein, a cruz é o destino de todo cristão chamado à santidade, não como punição, mas como oportunidade de participar da redenção do mundo. A mística da cruz em Stein é profundamente humanista e esperançosa, não pessimista.

13. Como o martírio de Stein confirma sua antropologia?

- O martírio de Stein em Auschwitz não foi uma derrota de sua antropologia, mas sim sua confirmação suprema. Ela morreu testemunhando que a pessoa humana possui uma dignidade que transcende qualquer tentativa de negá-la ou destruí-la. Nenhuma força terrena poderia tirar sua dignidade, sua liberdade interior ou sua capacidade de amar. Seu sacrifício demonstra que a verdadeira humanidade consiste na entrega total a Deus e no amor sacrificial pelos outros.

14. Qual é a relevância contemporânea da mensagem de Edith Stein?

- A mensagem de Stein permanece extraordinariamente relevante para o mundo contemporâneo, que enfrenta desafios semelhantes: conflito entre diferentes visões de mundo, negação da dignidade humana, redução da pessoa a categorias biológicas ou sociais, e busca por sentido e verdade. Sua antropologia oferece uma resposta concreta mostrando como integrar razão e fé, experiência vivida e verdade metafísica, individualidade e relação.

15. O que a canonização de Edith Stein significa para a Igreja contemporânea?

- A canonização de Stein em 1998 reconheceu não apenas a santidade de sua vida pessoal, mas também a validade e a relevância contínuas de seu pensamento antropológico. Ao proclamá-la padroeira da Europa, a Igreja afirmou que sua mensagem sobre a dignidade inviolável da pessoa humana, a reconciliação entre diferentes tradições e culturas, e a capacidade de amar mesmo diante do ódio é essencial para o catolicismo e para o mundo contemporâneo.

Referências Bibliográficas:

- ALES BELLO, Angela. *A Dimensão Ética da Fenomenologia de Edith Stein*. Tradução de Carlos Almeida. São Paulo: Paulus, 2005.
- ALES BELLO, Angela. *Edith Stein e a Fenomenologia*. Tradução de Carlos Almeida. São Paulo: Paulus, 2004.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. Tradução da CNBB. São Paulo: Loyola, 1993.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. Tradução da CNBB. São Paulo: Paulus, 1991.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. Tradução da CNBB. São Paulo: Paulus, 1991.
- HERBSTTRITH, Waltraud (Org.). *Nunca Esquecer: Perspectivas Cristãs e Judaicas sobre Edith Stein*. Tradução de Carlos Almeida. São Paulo: Paulus, 2003.
- HERBSTTRITH, Waltraud. *Edith Stein: Uma Biografia*. Tradução de Carlos Almeida. São Paulo: Paulus, 2004.
- JOÃO PAULO II. *Encíclica Centesimus Annus*. Tradução da CNBB. São Paulo: Paulus, 1991.
- JOÃO PAULO II. *Encíclica Evangelium Vitae*. Tradução da CNBB. São Paulo: Paulus, 1995.
- JOÃO PAULO II. *Encíclica Familiaris Consortio*. Tradução da CNBB. São Paulo: Paulus, 1981.
- JOÃO PAULO II. *Encíclica Laborem Exercens*. Tradução da CNBB. São Paulo: Paulus, 1981.
- JOÃO PAULO II. *Encíclica Mulieris Dignitatem*. Tradução da CNBB. São Paulo: Paulus, 1988.
- JOÃO PAULO II. *Homilia para a Canonização de Edith Stein*. Tradução da Nunciatura Apostólica. Brasília: CNBB, 1998.
- STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz*. Tradução de Joaquim Ceolin. São Paulo: Paulus, 2005.
- STEIN, Edith. *A Mulher: Sua Missão Segundo a Natureza e a Graça*. Tradução de Carlos Almeida. São Paulo: Paulus, 2004.
- STEIN, Edith. *Autobiografia: Vida de uma Família Judaica*. Tradução de Joaquim Ceolin. São Paulo: Paulus, 1999.

- STEIN, Edith. *Autorretrato em Cartas*. Tradução de Joaquim Ceolin. São Paulo: Paulus, 2002.
- STEIN, Edith. *Cartas Escolhidas*. Tradução de Joaquim Ceolin. São Paulo: Paulus, 2001.
- STEIN, Edith. *O Problema da Empatia*. Tradução de Joaquim Ceolin. São Paulo: Paulus, 2003.
- STEIN, Edith. *Potência e Ato: Estudos para uma Filosofia do Ser*. Tradução de Carlos Almeida. São Paulo: Paulus, 2003.
- STEIN, Edith. *Uma Investigação Acerca do Estado do Conhecimento*. Tradução de Carlos Almeida. São Paulo: Paulus, 2006.
- TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Tradução de Mons. Lourenço Mamede. São Paulo: Loyola, 2002.